

Novidades I--A França levanta-se

Desejo de ver com os próprios olhos, ansia de auscultar, tomar o pulso, num misto de esperança e de inquietação perante o destino da França, tais foram os sentimentos que nos levaram a Paris.

A França está colocada no centro da civilização europeia.

Sem ela, nem a Europa nem a latimidade poderão salvar-se. Se a França ressurgir, poderemos confiar no nosso próprio futuro. Se, pelo contrário, não houver esperanças de resgate, bem diferentes teriam de ser os nossos caminhos para evitar uma futura e irremediável derrocada. Poderemos não querer abrir os olhos, poderemos teimosamente tentar iludir-nos. Isso não impede que a França exerça, de facto, uma profunda e indelével influência nos destinos de toda a Europa incluindo a Península Ibérica.

Nós vimos a França, sentimos pulsar-lhe o coração. E nasceu em nós uma grande esperança.

A França ergue-se dolorosamente do abismo. No seu corpo martirizado sangram ainda as chagas da derrota. Mas ao lado das cicatrizes, de uma glória derrocada, brilham fulgurosamente as feridas de um glorioso martírio, de uma «resistência» indomável. A França não foi abatida, nem foi vencida. Hoje mais do que antes, volta a ser a França de sempre.

Ficou-nos a impressão de que o «chauvinismo» francês, aquele orgulho por vezes insolente que tanto magrava os amigos da França, ficou sepultado nos campos da batalha. O francês de 1946, desde o intelectual e o dirigente político ao homem da rua e ao trabalhador das fábricas, sente necessidade de ser humilde. A guerra mostrou-lhes a sem-razão de um sentimento de vanglória que preparou o terreno para a humilhação. Nesta humildade ele encontra, porém,

(Continua na 5.ª página)

pela Paz, facilmente compreenderemos que tem de haver qualquer coisa de novo na Pátria de Clovis, de S. Vicente de Paulo, de S. Luis, St.ª Joana d'Arc, e de tantos outros que são a glória e a esperança do mundo.

Sim! Na França há qualquer coisa de novo, de muito novo, de muito grande e muito heróico.

Não nos referimos ao admirável esforço económico, nem aos caminhos de ferro reconstruídos e reparados que funcionam já de maneira exemplar, nem sequer ao milagre de uma abundância de pão saboroso e barato, bem trabalhado é bem apresentado, de que trazemos tantas saudades, — como aliás da carne, dos legumes, da fruta — nem a esses 500.000 bebés nascidos a mais do que as previsões, e para os quais vai todo o carinho e quase todo o leite da França, mas a essa floração espiritual, apostólica, missionária, que, tendo apaixonado a elite do clero francês, transborda já abundantemente para a Acção Católica, para essa elite de leigos — homens e mulheres, rapazes e raparigas — cuja espiritualidade constituiu para nós a mais agradável e animadora surpresa.

Não há que recear pela França. Nas vésperas da maior batalha política da sua história, em que tantos receiam pelos resultados das eleições, que vão decidir se a França será marxista ou cristã, não nos enganamos prevendo a vitória completa do cristianismo, num futuro pouco afastado. Das razões deste nosso optimismo daremos conta aos leitores das «Novidades» numa série de crónicas e entrevistas que se vão seguir.

Muito haveria a contar sobre a França, se quiséssemos fazer jornalismo, satisfazendo a curiosidade compreensível dos nossos leitores. Outro objectivo temos, porém, em vista, e segui-

Impressões da França

(Continuação da 1.ª página)

a força e valor suficiente para levantar de novo a frente. E a França entra-nos assim no coração. O francês do após-guerra tornou-se mais simpático, acolhedor, servicial, cavalheiresco.

O sofrimento é, de facto, e há-de ser sempre, a grande escola do carácter e o mais competente modelador dos corações. E a França sofreu tanto que nem ela sabe dizer hoje o que sofreu. Mas no silêncio de que cerca, quase religiosamente, os mistérios dolorosos do seu rosário de humilhações, encontra o maior apoio para o seu anseio de ideal e de perfeição. A França lavou em sangue glorioso os seus pecados; e levanta-se, humilde e purificada, a tomar assento de novo no altar de Deus.

A frente ensanguentada, tem-na cercada de uma enorme coroa de Mártires que a Igreja não tardará a elevar às honras dos altares, como Sua Santidade Pio XII o fez já prever, numa das audiências concedidas ao P.ª Rodhain. E ao lado deles, aparecem-nos essas admiráveis elites de todas as classes e ambientes que estão refazendo a

ardente e comovido espírito de sacrifício.

Bastará referir alguns números, os números relativos ao martírio do clero francês, cuja estatística, por ser de mais fácil organização, se encontra mais à mão.

— Padres presos pela Gestapo, e mais tarde libertados, 460.

— Padres deportados para Alemanha, 320.

— Padres que morreram nas prisões e campos de concentração nazis, 123.

— Padres mortos pelos nazis em França, nas prisões ou nos campos de concentração, 26.

— Padres fuzilados, 41.

— Padres massacrados, 4.

— Padres metralhados, 3.

— Padres decapitados a machado, 1.

— Padres mortos à paulada, 1.

— Padres afogados, 1.

Se a esta lista juntarmos os que conseguiram ser libertados pelos exércitos aliados e que trazem gravadas nas suas carnes as marcas indeléveis dos maus tratos e do martírio mais inconcebível; se lhe juntarmos os 500.000 doentes, 150.000 dos quais tuberculosos, saídos das prisões e campos de concentração ou do